

Uso da metaforicidade como estratégia argumentativa de Luciana Genro em um debate eleitoral televisivo: aspectos sociocognitivos, situados e interacionais

Nathália Luiz de Freitas¹

Resumo: Partindo de uma ótica sociocognitiva e interacional, investiga-se como o uso de metáforas opera na construção de sentidos e contribui para as estratégias argumentativas empregadas pela candidata à presidência da República, Luciana Genro, em um debate eleitoral televisivo, considerando as práticas de linguagem atinentes e os aspectos contextuais relevantes. Para tanto, utilizaram-se procedimentos metodológicos qualitativos. As metáforas empregadas pela candidata evidenciam tanto seus traços estilísticos, quanto formas sociocognitivas de ver o mundo, as quais não são individuais, pois, usadas com a finalidade de convencer, podem revelar a perspectiva de que a metaforicidade é um fenômeno da coletividade, capaz de persuadir.

Palavras-chave: Figuratividade. Metáfora. Interação. Cognição.

Abstract: From a socio-cognitive and interactional perspective, it investigates how the use of metaphors operates in the construction of meaning and contributes to the argumentative strategies used by the candidate for the presidency, Luciana Genro, in a televised election debate, considering the practical language pertaining and relevant contextual aspects. To this end, we used qualitative methodological procedures. The metaphors employed by the candidate demonstrate both its stylistic traits, the socio-cognitive ways of seeing the world, which are not individual, therefore, used for the purpose of convincing, may prove the prospect that metaphoricity is a phenomenon of the community, able to persuade.

Keywords: Figurative Language. Metaphor. Interaction. Cognition.

Resumen: Desde una perspectiva socio-cognitiva y interaccional, investigamos cómo el uso de metáforas opera en la construcción de sentido y contribuye a las estrategias argumentativas utilizadas por un candidato a la presidencia, en un debate electoral televisado, teniendo en cuenta el lenguaje práctico referente y aspectos contextuales relevantes. Con este fin, hemos utilizado los procedimientos metodológicos cualitativos. Las metáforas utilizadas por el candidato demuestran sus rasgos estilísticos y formas socio- cognitivas de ver el mundo, que no son

¹ Doutoranda em Linguística, subárea Neurolinguística, pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.

individuales, porque, que se utiliza con el propósito de convencer, mostrando que la metaforicidad es un fenómeno de la sociedad, capaz de persuadir.

Palabras-clave: Lenguaje Figurativo. Metáfora. Interacción. Cognición.

Considerações Iniciais

Para a Linguística, de modo geral, e, especificamente, para os estudos linguísticos que se interessam pelas relações entre linguagem e cognição, a investigação da metaforicidade é passível de lançar luz sobre as motivações e os modos de construção dos sentidos efetivamente usados pelos falantes em um determinado contexto, já que ela mobiliza aspectos sociocognitivos que articulam práticas e convenções de uso da linguagem, proposição metafórica e regularidades linguísticas. Além disso, as metáforas consistem em criações individuais cujo material, o significado convencionalizado das palavras, é coletivo e público, ou seja, trata-se de construções de um novo significado a partir da junção de duas ideias (MOURA, 2012), significado este capaz de evidenciar o trabalho linguístico-cognitivo realizado nas práticas de uso e interação durante as situações comunicativas.

A proposta deste trabalho consiste no desenvolvimento de um estudo preliminar sobre a função da metáfora na linguagem em uso, bem como acerca do papel do uso na metaforicidade, ambos presentes no discurso político, visando a evidenciar articulações entre as dimensões linguística e sociocognitiva da figuratividade, colocadas em jogo pelas práticas na e com a língua em um debate eleitoral entre candidatos à presidência da república. Comungando com algumas das formulações da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON,

1980), mas, não se limitando a elas, e convocando pressupostos da chamada abordagem cognitivo-discursiva da metáfora (CAMERON, 2008; CAMERON; DEIGNAN, 2006; CAMERON; MASLEN, 2010; VEREZA, 2007; 2010; 2013) buscar-se-á compreender como o uso da linguagem metafórica evidencia os modos de construção de sentidos e contribui para as estratégias argumentativas empregadas pela candidata à presidência da República, Luciana Genro, em um debate com os demais presidenciais nas eleições de 2014.

A perspectiva que fundamenta esta proposta pauta-se em pressupostos tomasellianos, segundo os quais a linguagem não é a motivação para a cognição, mas o seu resultado, de forma que a primeira não é decisiva para a segunda, sendo, pois, sua derivada (TOMASELLO, 1999). Assim, a cognição humana resulta das condições materiais da coletividade, constituindo-se como um desdobramento da práxis sociocultural, intersubjetiva e perspectivada, e não como um antecedente (MORATO, 2008). As relações entre linguagem e cognição são concebidas a partir das experiências socioculturais e do trabalho linguístico-discursivo do homem, assim como das condições contextuais e históricas que direcionam a sua ação no mundo. Nessa ótica, configura-se uma forma de cognição totalmente atrelada às atividades interativas humanas e aos fatos socioculturais produzidos, resultando no caráter formulaico e socialmente situado da metaforicidade.

Embora, para Tomasello (1999), a linguagem resulte da cognição, aquela tem papel central nesta, assim como as interações humanas são preponderantes às configurações cognitivas e linguísticas do homem. A comunicação linguística é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, já que: i) por meio dela, há a transmissão cultural do

conhecimento às crianças; ii) suas estruturas influenciam a construção de categorias cognitivas, relações, analogias e metáforas pelas crianças; e iii) as interações contidas nela induzem à adoção de diferentes perspectivas conceituais sobre fenômenos por parte das crianças (TOMASELLO, 1999).

Trata-se, pois, da interdependência da cognição (social), linguagem e interação, forjadas nas relações sócio-históricas e culturais do homem em conjunto às suas trajetórias filogenética e ontogenética. Essa configuração biopsicossocial emergiu das práticas humanas colocadas em ação em virtude dos diferentes usos nos mais variados contextos de atividades e situações. Dessa forma, cognição, linguagem e interação são constituídas e constituem os usos mobilizados durante as práticas socioculturais acionadas conforme o contexto. Ainda que pertençam a campos de significação próximos, uso, prática e contexto devem ser concebidos de formas distintas. Enquanto o uso pode ser entendido tanto como uma forma de emprego da língua/linguagem quanto como o espaço efetivo, *online*, da comunicação, as práticas dizem respeito ao funcionamento da linguagem no que toca às atividades sociais, nas quais a linguagem atua também como mediadora. O contexto refere-se às condições, circunstâncias, situações, isto é, ao entorno amplo e restrito (VAN DIJK, 2012) em que os usos e as práticas linguísticas são levados a cabo.

Nessa perspectiva, a interação é concebida como categoria constitutiva e modo de existência da linguagem, assim como o princípio explicativo da capacidade simbólica humana, sendo os usos, as práticas e os contextos, a um só tempo, tributários de suas formas (da interação) e constituintes dela. Tem-se, então, que a categorização,

a significação e a reflexão inerentes ao homem ocorrem por meio de práticas sociocognitivas e históricas, nas quais as interações, usos e contextos são fundamentais. É com base nesses arrazoados que este trabalho se propõe a investigar como o uso de metáforas opera na construção de sentidos e contribui para as estratégias argumentativas empregadas pela candidata à presidência da República, Luciana Genro, em um debate eleitoral televisivo, considerando as práticas de linguagem atinentes e os aspectos contextuais relevantes.

O estudo ora proposto justifica-se e faz-se oportuno na medida em que buscará evidenciar o caráter sociocognitivo, situado e interacional da metaforicidade da linguagem em uso, em uma perspectiva cognitivo-discursiva. Além disso, embora haja um número expressivo de trabalhos que se ocupa do emprego de metáforas por políticos brasileiros, enfatizando seu valor argumentativo e persuasivo (SARDINHA, 2007a, 2007b, 2008, PALUMBO, 2010, LUQUES, 2010, MIRANDA; LUQUES, 2012, SANT'ANNA, 2013), verifica-se o interesse pelo fenômeno em políticos como Luiz Inácio Lula da Silva, Dilma Roussef, Fernando Collor de Melo e Paulo Maluf, não existindo estudos sobre tal emprego pela candidata Luciana Genro.

Reflexões sobre a Metaforicidade

Estudos sobre a metáfora podem ser considerados tão antigos quanto às preocupações gramaticais tradicionais, haja vista que, já na antiguidade grega, Aristóteles se ocupava de tal fenômeno, ao tratar os eixos retóricos *inventio*, *dispositio* *elocutio* (GENETTE, 1975), entre os quais ao *elocutio*, dimensão que abrange o uso do léxico e das figuras da

linguagem, foi conferida maior centralidade a partir da Idade Média (VEREZA, 2010). O foco no referido eixo levou à redução da metáfora aos seus aspectos linguísticos e figurativos, relegando a ela a função meramente ornamental. Essa consiste na visão tradicional da metáfora, cujo escopo é linguístico e foi dominante no tratamento da temática até a ocorrência da denominada “virada cognitiva” (VEREZA, 2013), impulsionada pelo advento da Teoria da Metáfora Conceptual, sobre a qual se discutirá brevemente a seguir.

Antes de partir à discussão sucinta acerca da Teoria da Metáfora Conceptual, fazem-se importantes alguns apontamentos com relação à visão tradicional da metáfora. Nota-se que o cerne da fundamentação conceitual do que vem a ser essa figura de linguagem é a ideia de que há, no processo metafórico, o transporte de sentido de um vocábulo para outro. Isso acarreta a existência da pressuposição de que cada palavra possui um sentido literal, pré-determinado, concepção esta que desconsidera aspectos contextuais relativos às práticas e aos usos de linguagem. Se, conforme pondera Wittgenstein (1999 [1953], p. 43), “pode-se para uma *grande* classe de casos de utilização da palavra ‘significação’ – se não para todos os casos de sua utilização –, explicá-la assim: a significação de uma palavra é seu uso na linguagem” (grifos do autor), o significado de certa expressão linguística não está somente nos atributos conceituais imanentes dela própria, mas também no uso que se faz dela.

A perspectiva tradicional leva à asserção de que a figuratividade não estabeleceria relação direta entre palavra, conceito e realidade, o que seria o caso do “sentido literal”, de modo que metáforas provocariam distorções, já que, ao serem empregados termos em lugar

de outros, conotações específicas do vocábulo “emprestado” interfeririam na significação daquilo a que se faz referência (VEREZA, 2010). Assim, a figura consistiria em um desvio do sentido próprio de dada palavra, característico dos escopos retóricos e poéticos, os quais não seriam tidos como usos legítimos da linguagem, sendo, portanto, a metáfora, um recurso linguístico supérfluo e, por vezes, falseador do que, de fato, se tenciona comunicar. Embora haja outras teorizações sobre metáfora enfatizando seu caráter linguístico, por razões de finalidade e espaço, este estudo não tratará delas, passando, a seguir, a abordar a Teoria da Metáfora Conceptual.

Uma modificação significativa com relação ao tratamento da metáfora ocorreu após a publicação de *Metaphors we live by*, por Lakoff e Johnson, em 1980, obra cuja abordagem passou a considerar a metáfora como uma figura de pensamento, isto é, um modelo cognitivo que conduz a compreensão humana sobre o mundo, assim como a atuação do homem nele, daí ser denominada de Teoria da Metáfora Conceptual. Segundo tais estudiosos, esse sistema conceptual humano é, em grande parte, metafórico por natureza, de forma que a metáfora, evidente na língua, está presente ainda na percepção de mundo e no processo interpretativo. Segundo os teóricos, “o conceito é estruturado metaforicamente, a atividade é estruturada metaforicamente e, conseqüentemente, a linguagem é estruturada metaforicamente” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 5).

As metáforas conceptuais podem ser concebidas como componentes de um inconsciente cognitivo coletivo, de maneira que os usos de linguagem metafórica, observados nas marcas linguísticas seriam licenciados por seus tipos subjacentes (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Assim, uma metáfora conceptual não é verbalizada, realizando-se

no discurso através de metáforas linguísticas, ou expressões metafóricas, realização esta denominada de licenciamento, na medida em que a atividade verbal vincula-se à representação mental da metáfora. Conforme Lakoff e Johnson (1980), a metáfora linguística subjaz uma metáfora conceptual que faz o mapeamento entre dois domínios distintos, resultando em um conceito metafórico específico. Por exemplo, na metáfora conceptual TEMPO É DINHEIRO, tem-se uma ligação entre o domínio do tempo e o domínio do dinheiro, da qual advém o conceito metafórico de tempo, responsável pela produção e compreensão de metáforas linguísticas como “soluções para economizar tempo” e “pare de gastar tempo” (SARDINHA, 2007a).

Segundo Lakoff e Johnson (1980), metáforas linguísticas, como as indicadas acima, não necessariamente evidenciam um conceito metafórico subjacente de tempo, no caso, consistindo em modos convencionais de se expressar sobre o tempo. No entanto, sua metaforicidade torna-se patente em virtude de elas realizarem mapeamentos sistemáticos entre os domínios de tempo e dinheiro, havendo diversas expressões que relacionam os dois de modo semelhante. Assim, tanto “soluções para economizar tempo” quanto “pare de gastar tempo” fazem mapeamentos sistemáticos entre os domínios tempo e dinheiro, mapeamentos estes que são implícitos e subconscientes, propiciando o entendimento de que tais expressões não são literais. Através dessas metáforas linguísticas, observa-se que uma atividade é medida e remunerada de acordo com o tempo exigido para que ela ocorra, sendo o tempo quantificado com precisão. Lakoff e Johnson (1980) teceram considerações sobre as relações entre tempo e dinheiro e suas conceptualizações metafóricas.

Essas práticas são relativamente novas na história da humanidade e não existem em todas as culturas. Elas surgiram nas modernas sociedades industrializadas e estruturam profundamente nossas atividades cotidianas básicas. Pelo fato de que agimos como se o tempo fosse um bem valioso – um recurso limitado, como o dinheiro – nós o concebemos dessa forma. Logo, compreendemos e experienciamos o tempo como algo que pode ser gasto, desperdiçado, orçado, bem ou mal investido, poupado ou liquidado (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 51).

Na análise das metáforas conceptuais, há a distinção entre um domínio fonte, aquele do qual são mobilizadas as informações para entender o domínio alvo, e um domínio alvo, geralmente um conceito abstrato (LAKOFF; JOHNSON, 1980). No caso de TEMPO É DINHEIRO, o domínio fonte é dinheiro, e o domínio alvo é tempo. As metáforas linguísticas, cuja atenção pela Teoria da Metáfora Conceptual foi escassa, são analisadas a partir das categorias veículo, isto é, o elemento metaforizado, e tópico, que consiste no restante da expressão (CAMERON, 2003). Desse modo, em “soluções para economizar tempo”, o veículo é “economizar tempo”, ao passo que o tópico se refere a “soluções para”. Cumpre salientar que TEMPO É DINHEIRO diz respeito a uma metáfora conceptual e a uma metáfora linguística ao mesmo tempo (SARDINHA, 2011), podendo ser analisada com base nas quatro categorizações assinaladas, ou seja, domínio-fonte, domínio-alvo, veículo e tópico.

O arcabouço teórico-filosófico da Teoria da Metáfora Conceptual motivou o desenvolvimento de muitas pesquisas sobre a metáfora, as quais compõem a área de estudos chamada de “metaforologia” (STEEN, 1994), que, embora se caracterize por objetos de diversas naturezas, reúne investigações cujo pressuposto básico reside na máxima de que as expressões metafóricas que ocorrem na linguagem evidenciam as

metáforas conceptuais que as licenciam (VEREZA, 2010). Não obstante a relevância e o alcance da perspectiva em foco para a metaforologia, a Teoria da Metáfora Conceptual se ateve à hipotetização de suas formulações, já que as evidências para as sustentar careciam de ocorrências empíricas, do que adveio uma série de críticas (CAMERON, 1999; DEIGNAN, 2005)

A partir das diversas críticas tecidas, em um primeiro momento, passou-se ao desenvolvimento de estudos que visavam à identificação de metáforas conceptuais em *corpora* autênticos (GIBBS, 1999). Em seguida, com base na observação de que o discurso não consiste somente no *locus* de manifestações linguísticas de metáforas conceptuais, mas também de articulações cognitivas e pragmáticas, assim como da emergência de novas metáforas conceptuais, os metaforemas (CAMERON; DEIGNAN, 2006), uma abordagem em que a metáfora é investigada no processo de significação do discurso *online* teve início (CAMERON, 2008; CAMERON; DEIGNAN, 2006; SEMINO, 2008; CAMERON et.al., 2009; CAMERON; MASLEN, 2010; VEREZA, 2007; 2010; 2013).

Nessa perspectiva cognitivo-discursiva, as metáforas emergem da dinâmica da linguagem e do pensamento, sendo, ao mesmo tempo, conceituais e linguísticas (CAMERON; DEIGNAN, 2006). Em situações de interação, as metáforas são negociadas e construídas conjuntamente pelos falantes (CAMERON, 2007), de forma que, para dar conta da complexidade de tal fenômeno, além dos metaforemas, unidades de análise como a metáfora sistemática (CAMERON, 2008) – metáfora cognitiva subjacente ao discurso, situada em textos específicos, e evidenciada por marcas linguísticas metafóricas –, a metáfora situada

(VEREZA, 2013) e o nicho metafórico (VEREZA, 2007; 2010), as quais são de fundamental importância para o presente trabalho, contribuem para a compreensão da metaforicidade textualmente tecida, com base em desdobramentos textuais de uma ou mais metáforas locais e episódicas.

Conforme Vereza (2013), a metáfora situada guia, em termos cognitivos e discursivos, todo um desdobramento, ou mapeamento textual, *online*, episódico, de forma a construir um determinado objeto de discurso (MONDADA; DUBOIS, 2003), ou um ponto de vista, deliberadamente. Assim, a metáfora situada não tem caráter discursivo somente em razão de estar presente, ainda que apenas no nível cognitivo, na linguagem em uso, mas tal fenômeno está na interface entre cognição e pragmática. Enfocando a figuratividade como um recurso organizacional do discurso, o nicho metafórico (VEREZA, 2007; 2010) cria, cognitivamente, redes de sentido cuja função é primordialmente argumentativa, remetendo a um desdobramento metafórico tecido em uma unidade semântico-discursiva, do que podem resultar ou uma metáfora textualmente específica de base, ou articulações com metáforas conceituais de natureza mais universal.

Como já anunciado, este trabalho fundamenta-se na chamada abordagem cognitivo-discursiva sobre a metaforicidade, acima esboçada. Visando a articular as dimensões relativas à emergência de metáforas no uso, determinadas práticas de (com) a linguagem que interessam às finalidades desse estudo e especificidades do discurso, a próxima seção é dedicada a tratar dessas questões.

Metáforas, Práticas de (e com) a Linguagem e Discurso Político

O discurso político tem sido estudado sob as mais diferentes vertentes teórico-metodológicas, recebendo, no âmbito dos estudos que se ocupam, de alguma forma, da linguagem, grande atenção da Análise do Discurso. Exponente dessa perspectiva, Charaudeau (2006) busca definir a natureza do discurso político, fundamentando-o na imbricação entre linguagem e ação, de maneira que a palavra política está entre uma verdade do dizer e uma verdade do fazer. Assim, para o analista, o discurso político funciona na convergência de discursos de ideias e discursos de poder, pensamento e ação. Van Dijk (2008) acrescenta que “o processamento de informações políticas é frequentemente uma forma de processamento discursivo, também porque boa parte da ação e da participação política é realizada pelo discurso e pela comunicação” (VAN DIJK, 2008, p.197). Portanto, é passível depreender que o discurso político se funda na linguagem e é exteriorizado por ela, em uma relação de interdependência.

Em consonância a essa dimensão, pode-se admitir que as práticas de linguagem constituem as formas como os homens estruturam as suas vidas em diferentes domínios de atividade social, quanto às relações estabelecidas com o mundo e, especialmente, no que se refere às relações que mantêm com os outros, seus pares, de maneira que o discurso é, a um só tempo, o espaço de construção de uma rede de relações políticas e um dos instrumentos, possivelmente o principal, da prática política (MENDES, 2012). Para se entender as práticas não só de linguagem, mas também com a linguagem, é preciso ter em mente que

as ações estão nela contidas de maneira inseparável, sendo o uso da linguagem, pois, uma forma de ação realizada no convívio social.

Nessa ótica, as manifestações linguísticas do discurso político, sócio e contextualmente estruturadas, consistem em práticas de e com a linguagem, cujos modelos situacionais e atuacionais cristalizados histórico-culturalmente fazem parte do imaginário coletivo de dado grupo social. Considerando que as variadas formas de utilização da língua é que mobilizam determinados enunciados para atender aos propósitos comunicativos dos interlocutores (BAKHTIN, 1997), o gênero discursivo debate eleitoral televisivo é uma prática de e com a linguagem, circunscrita à esfera política, caracterizada por uma estrutura relativamente estável de componentes e funcionamento, bem como pela finalidade de persuasão dos candidatos participantes a uma plateia cuja abrangência pode ter proporções consideráveis, haja vista o alcance midiático da televisão.

Visando a convencer seu auditório da validade de suas propostas, credibilidade de suas asserções ou até mesmo da incapacidade de seus adversários, o locutor político escolhe, entre as opções de que dispõe, estratégias que o auxiliem a alcançar tal objetivo, levando em conta, para tanto, o público-alvo e os recursos linguísticos capazes de levar a efeitos persuasivos. Dessa forma, residem nos valores e possibilidades de agradar a maioria do auditório, a partir de estratégias argumentativas, bem como nas formas e construções linguísticas empregadas para tal, os fatores primordiais responsáveis pelo convencimento.

As metáforas consistem em profícuo recurso utilizado na busca pela persuasão, especialmente, no domínio político, já que elas são uma forma de conquistar a adesão pela comunhão que proporcionam entre locutor e auditório, de modo a constituírem-se em uma estratégia

argumentativa (MIRANDA; LUQUES, 2012). Assim, o poder da metáfora está na conjugação do apelo, muitas vezes emocional, com a expressão compacta e concreta de imagens dinâmicas, sem, entretanto, a avença da precisão semântica, característica esta última que, embora útil ao discurso político, ao possibilitar a versatilidade das ideias, tende também a sugerir um risco, pois “o interlocutor pode interpretar a metáfora, ou a linguagem figurada em geral, de forma diferente da pretendida pelo locutor, provocando o oposto da adesão” (MIRANDA; LUQUES, 2012, p. 9). No discurso político contemporâneo, podem ser encontradas muitas metáforas, das quais boa parte indica aspectos relevantes da natureza figurativa do pensamento político (GIBBS, 1994).

Considerando que os usos linguísticos, assim como as práticas de e com a linguagem formulam-se no e pelo contexto, tanto em seu escopo amplo, quanto em seu âmbito restrito, faz-se importante destacar alguns apontamentos referentes a esses fenômenos e espaços, em suas inter-relações com a interação e a metaforicidade. Segundo Cameron e Deignan (2006):

O "ambiente" para nós é o ambiente de discurso ou contexto de fala e pensamento em interação, com todas as suas limitações. O ambiente do discurso é inseparável da fala, e inclui as outras pessoas, as metas de interação, a situação com as suas pressões e possibilidades específicas, bem como o contexto cultural mais amplo em que a linguagem é lenta, mas, está em constante evolução. Sugerimos aqui que o uso da metáfora pelas pessoas (produção individual e compreensão, e co-construção) pode ser explicado como emergente da interação entre o ambiente do discurso e o discurso dos participantes, que desenham em seus recursos linguísticos e cognitivos para processamento de ideias e para encontrar as palavras para falar sobre elas ao seus interlocutores (CAMERON; DEIGNAN, 2006, p. 688, tradução nossa).

A partir dessa perspectiva, pode-se assumir, mais uma vez, a imbricação e multiconstituição de interação, uso, prática e contexto, especificamente, então, no que diz respeito à emergência da metáfora. Uma última consideração torna-se oportuna, no entanto, haja vista a necessidade da explicitação do que se denomina aqui de contexto restrito e contexto amplo. Van Dijk (2012), em obra dedicada a tratar exclusivamente sobre contexto, constrói toda uma teoria baseada na tríade contexto e linguagem, contexto e cognição e contexto e discurso, elencando diversos fatores que participam e constituem o fenômeno contexto. De forma geral, o autor concebe uma teoria do contexto pautada na seleção de aspectos tornados relevantes para os interactantes no plano do discurso. Baseado nessa máxima, este trabalho concebe, para fins das interpretações a serem feitas sobre os dados, a existência de um contexto restrito, atinente às condições de produção e compreensão situadas no *locus* da interação, e de um contexto amplo, referente às questões sociais, culturais e históricas que concorrem para a significação.

Metodologia

Filiada a um paradigma qualitativo, esta pesquisa limita-se a abordar, analisar e discutir um fenômeno: o uso de metáforas a favor da argumentação, em um contexto específico, um dos debates televisivos realizados entre os presidentiáveis brasileiros em 2014, segundo um sujeito em particular, a candidata Luciana Genro, e com base em um aparato teórico-metodológico definido, a aqui denominada abordagem sociocognitiva e interacional, explicitada ao longo deste artigo.

Os procedimentos metodológicos para tal consistem em i) seleção do corpus; ii) transcrição do corpus; iii) identificação das potenciais construções figurativas; iv) classificação e categorização das construções identificadas; e v) análise do papel do emprego das construções no processo argumentativo textualmente discursivizado.

O *corpus* do presente estudo é composto por quatro excertos transcritos de um debate televisivo realizado, em 01/09/2014, entre os candidatos à presidência da república Dilma Rousseff, Aécio Neves, Marina Silva, Pastor Everaldo, Eduardo Jorge, Luciana Genro e Levy Fidelix durante o período de campanha eleitoral. O debate foi promovido pela rede de televisão SBT, rádio Jovem Pan, grupo Folha de São Paulo e UOL, sendo o primeiro confronto direto entre todos os candidatos após a divulgação da pesquisa Datafolha2, que apontou empate técnico entre Dilma Rousseff e Marina Silva em situação de segundo turno.

Dos excertos que compõem o *corpus*, foram selecionados os trechos em que há expressões metafóricas proferidas por Luciana Genro, quem, das sete falas a que teve direito, em quatro delas, usou expressões metafóricas em sua construção discursiva. Ademais, a opção pelo gênero textual/discursivo debate advém do fato de ele figurar como uma manifestação efetiva da linguagem em uso, em que há construção *online* de sentidos. Os excertos integrais do *corpus* utilizado, isto é, as falas de Luciana Genro no debate em questão, encontram-se no Anexo do presente trabalho, sendo, em seu corpo, evidenciados apenas os trechos metafóricos que serão analisados.

2 <http://www1.folha.uol.com.br/especial/2014/eleicoes/pesquisadatafolha/index.shtml>

Tendo em vista que os aspectos concernentes ao contexto amplo relacionam-se à configuração do contexto restrito, haja vista a interconstituição mútua desses escopos, vale ressaltar que deste participam diversos fatores referentes às práticas de e com a linguagem relativas ao gênero textual/discursivo debate eleitoral televisivo, entre os quais estão suas características estruturais, tais como o estabelecimento prévio de temáticas para as perguntas, a organização tópica entre os debatedores, a existência de um tempo máximo para o proferimento das respostas e a passividade do público. Trata-se, entretanto, de um gênero que embora, aparentemente, possua características relativamente fixas, pode apresentar variações, principalmente, no que diz respeito às temáticas estabelecidas, uma vez que, em diversos debates, incluindo o de interesse neste estudo, na medida em que recebem o direito à palavra, os candidatos modificam o tópico tratando, enfatizando assuntos sobre os quais pretendem argumentar. Dessa forma, nota-se o direcionamento temático das respostas, réplicas e tréplicas para os propósitos argumentativos dos candidatos em detrimento do respeito à ao tema da questão feita.

Para a análise das expressões metafóricas que compõem o *corpus*, foram consideradas as categorias Metáfora Conceptual – domínio fonte e domínio alvo (LAKOFF; JOHNSON, 1980), Metáfora Linguística – veículo e tópico (CAMERON, 2007) e Metáfora Situada/Nicho Metafórico (VEREZA, 2007; 2010; 2013), assim como, na medida do possível, o contexto amplo e o contexto restrito que favorecem e/ou restringem os processos de significação das ocorrências figurativas.

Análises e Discussão

Com relação ao que está sendo tratado como contexto amplo, é necessário esclarecer certos aspectos pertinentes ao entendimento do cenário sociopolítico e econômico do Brasil quando da época do debate em questão. Em 2014, o país completava um período de doze anos com o Partido dos Trabalhadores – PT – sendo representado na presidência da república, por oito anos com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e por quatro anos com a então atual presidente Dilma Rousseff. Durante os dois primeiros mandatos de Lula, o Brasil teve crescimento econômico continuado e sobressalente, marcado por políticas sociais de caráter assistencialista e incentivo à educação pública de nível médio profissional e superior, além do surgimento de denúncias e investigações sobre corrupção, especificamente, o chamado Mensalão. Já na gestão da presidente Dilma Rousseff, houve diminuição geral no crescimento econômico do país, além de escândalos relacionados à corrupção de membros do PT e funcionários de confiança de diferentes escalões do governo federal.

É nesse cenário que a presidente Dilma Rousseff busca a reeleição no ano de 2014, tendo como potencial principal adversário o senador e ex-governador de Minas Gerais Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB, legenda partidária tradicionalmente opositiva ao PT. As campanhas políticas realizadas pelos dois candidatos tiveram como marca o foco nos frequentes ataques, às vezes pessoais, entre eles, em detrimento da focalização em propostas de governo, que, embora existentes, ficavam em segundo plano. Em meio a essa situação, a candidata Marina Silva, do partido Rede

Sustentabilidade, inicialmente alocada como vice na chapa com o político Eduardo Campos, do Partido Socialista Brasileiro – PSB, morto no início das campanhas eleitorais, passou a figurar como adversária importante no pleito eleitoral, principalmente após a pesquisa de intenção de votos para o segundo turno, realizada pelo Instituto Datafolha, indicar seu empate técnico com Dilma Rousseff.

Menos de uma semana depois da divulgação da pesquisa Datafolha, foi realizado o debate em questão, do qual, além dos três candidatos cotados com intenções de votos, participaram Pastor Everaldo, do Partido Social Cristão – PSC, Eduardo Jorge, do Partido Verde – PV, Levy Fidelix, do Partido Renovador Trabalhista Brasileiro – PRTB e Luciana Genro, do Partido Socialismo e Liberdade – PSOL. Esse foi o segundo debate realizado entre os presidentiáveis, tendo duração de cerca de uma hora e quarenta minutos e mediação do jornalista Carlos Nascimento, do SBT, emissora que junto à folha de São Paulo e UOL, pela internet, assim como à Jovem Pan, via rádio, transmitiu ao vivo o debate em seu canal aberto de TV.

Luciana Genro, candidata cujas expressões metafóricas utilizadas no referido debate serão analisadas, é professora, bem como advogada, e possui longa trajetória política. Sua carreira teve início em 1995, quando, aos 23 anos, pelo PT, foi eleita deputada estadual no Rio Grande do Sul, sendo reeleita na eleição seguinte. Em 2003, após divergências no PT, Luciana Genro deixou o partido, fundando oficialmente, em conjunto a outros políticos também petistas dissidentes, o PSOL. Entre 2003 e 2011, foi deputada federal pelo Rio Grande do Sul. Nas eleições de 2010, ainda que obtendo expressiva votação ao ser a oitava pessoa com mais votos no Rio Grande do Sul, em razão do quociente eleitoral, não foi reeleita deputada federal. Nas

eleições presidenciais de 2014, foi a quarta candidata mais votada, tendo sido superada por Dilma Rousseff, Aécio Neves e Marina Silva.

Para as análises das expressões metafóricas realizadas a seguir, estão sendo considerados o contexto amplo, sucintamente esboçado acima, o contexto restrito, descrito à medida que os dados forem sendo discutidos, bem como os construtos metáfora linguística, metáfora conceptual e metáfora situada/nicho metafórico.

No excerto 1 “Pois é, os três irmãos siameses não vão ir à raiz dos problemas, porque eles só querem seu voto para ganhar eleição e governar com os mesmos de sempre”, tem-se a metáfora linguística “Os três irmãos siameses não vão ir à raiz dos problemas”, cujo veículo é “raiz dos problemas”. A metáfora conceptual subjacente é O MAL É UMA PLANTA (domínio fonte: planta / domínio alvo: mal), e a metáfora situada consiste em conceber a raiz dos problemas como falta de supervisão e falhas na estrutura tributária brasileira. A construção figurativa dessa expressão trabalha com uma metáfora conceptual cujas variantes de metáforas linguísticas estão bastante cristalizadas (cortar o mal pela raiz, o mal vem crescendo etc.), contudo, a metáfora situada que emergiu na interação específica, de fato, alude ao que essa construção metafórica se refere no contexto restrito, já que o tópico debatido no momento consistia na situação econômica do país, tema suscitado pelos questionamentos que o candidato Levy Fidelix fez à Luciana Genro.

Essa construção figurativa pode consistir tanto em uma estratégia argumentativa positiva, quanto negativa, conforme as características do auditório. Isso porque, tendo em vista que a metáfora conceptual subjacente parece ser, em Língua Portuguesa, bastante produtiva, ela

tende a contribuir, pois, para que o público possa construir interpretações plausíveis à metáfora situada que emergiu nos mapeamentos *online*, os quais são tecidos nos entrelaces do contexto restrito com o contexto amplo.

Ainda nesse excerto, é empregada a expressão de natureza figurativa “três irmãos siameses”, repetida pela candidata Luciana Genro ao longo do debate eleitoral em questão. Trata-se de uma expressão resultante de um processo de referenciação para o qual a metaforicidade tem papel fundamental, já que pode ser considerada uma das condições essenciais à manipulação da percepção da realidade frente às escolhas significativas com vistas à representação simbólica em um projeto de dizer. Dessa forma, a categorização do referente ocorre por meio de uma analogia entre a expressão “irmãos siameses”, comumente utilizada para denominar gêmeos que nascem ligados por uma parte do corpo, e os candidatos à presidência da república Dilma Rousseff, Aécio Neves e Marina Silva. É possível assumir, então, que, na base do objeto de discurso “três irmãos siameses”, está a metáfora linguística “Dilma Rousseff, Aécio Neves e Marina Silva são três irmãos siameses”, cujo veículo consiste em “três irmãos siameses”. Da interação específica, para a qual os contextos amplo e restrito são fundamentais, emerge uma metáfora situada, construída com base nos mapeamentos realizados entre os atributos comuns dos referidos presidencialistas, que são assinalados por Luciana Genro durante suas falas no debate, a condição de partilhamento de estruturas e funções, definidora dos gêmeos siameses, e os diversos aspectos (promessas, propostas e ataques de campanha, por exemplo) envolvidos nas práticas políticas.

No entanto, o emprego da expressão “três irmãos siameses” pode receber compreensões pejorativas tangentes não à ideia de que Dilma

Rousseff, Marina Silva e Aécio Neves têm a mesma origem e, portanto, partilham das mesmas atitudes políticas e governamentais indesejadas, mas, aos traços semânticos e conceituais do termo de natureza médica, que denota a condição de gêmeos que são ligados por uma membrana situada à altura do peito e por isso sofrem limitações ao longo da vida. Essa segunda acepção poderia ocasionar um efeito de sentido negativo ou, então, esse uso poderia não surtir o efeito pretendido simplesmente pela ausência de mapeamento entre o termo linguístico empregado, os personagens envolvidos no discurso, ainda que não explicitamente aludidos, bem como os elementos dos contextos amplo e restrito.

O excerto 2 consiste em “Os aposentados estão vendo seu poder de compra ser corroído pelas políticas implementadas desde o governo do PSDB com a conivência do governo Lula”. Nele, a metáfora linguística é “seu poder de compra ser corroído pelas políticas”, cujo veículo consiste em “corroído pelas políticas”. A metáfora conceptual subjacente pode ser entendida como CONDIÇÃO FINANCEIRA É SUBSTÂNCIA (domínio fonte: substância / domínio alvo: condição financeira) e a metáfora situada consiste na concepção de o poder de compra corroído pelas políticas como a noção de que os aposentados comprem menos em razão de o governo comprometer-se com medidas financeiras que favorecerem as instituições bancárias. A metáfora conceptual em questão é bastante produtiva na língua, gerando, por exemplo, a expressão metafórica, em contexto restrito semelhante, “a inflação corrói”. Com relação aos mapeamentos necessários para a construção de sentidos referentes à metáfora situada, tais desdobramentos parecem ser mais complexos, já que deles participam tanto elementos vários do contexto restrito, quanto do contexto amplo.

Dessa forma, embora a metáfora linguística contida nesse excerto possa ser identificada com alguma facilidade pelo auditório, é possível que, enquanto estratégia argumentativa utilizada pela candidata, ela não tenha o mesmo efeito, pois a metáfora situada emergida, construída com base em elementos contextuais mapeados *online*, demanda mais recursos.

No excerto 3, “Marina, a receita, o remédio que o governo está usando contra a inflação está matando paciente”, há a metáfora linguística “a receita, o remédio que o governo está usando contra a inflação está matando paciente”, cujos veículos são receita, remédio e paciente. Podem ser concebidas, pelo menos, três metáforas conceptuais subjacentes: O PAÍS É UM ORGANISMO (domínio fonte: organismo / domínio alvo: país), GOVERNO É SER HUMANO (domínio fonte: ser humano / domínio alvo: governo) e INFLAÇÃO É DOENÇA (domínio fonte: doença / domínio alvo: inflação). Tem-se, aqui, um nicho metafórico constituído por três metáforas situadas: i) concepção de receita como planejamento de governo; ii) compreensão de remédio como medidas econômicas; e iii) noção de paciente como sendo o Brasil. As metáforas conceptuais subjacentes a esse nicho metafórico, isto é, O PAÍS É UM ORGANISMO, GOVERNO É SER HUMANO e INFLAÇÃO É DOENÇA, são extremamente produtivas em Língua Portuguesa, gerando muitas metáforas linguísticas (o Brasil está sofrendo, o país está na UTI, o PT tem sido derrotado, sanar a inflação etc.). Com relação às metáforas situadas, seu mapeamento para a construção do nicho, também bastante atrelado ao contexto restrito e ao contexto amplo, parece ter condições de ser realizado de modo mais efetivo, haja vista as metáforas conceptuais subjacentes serem mais reconhecíveis e utilizadas em outras metáforas linguísticas.

O emprego do trecho em questão é particularmente interessante, pois evidencia uma construção sociocognitiva toda baseada na figuratividade, cujas metáforas, conceptuais e linguísticas, em seu conjunto, formam um nicho metafórico, no qual uma rede de sentidos vai sendo tecida em torno de uma unidade semântico-discursiva construída textualmente. Nesse prisma, as metáforas conceptuais O PAÍS É UM ORGANISMO, GOVERNO É SER HUMANO e INFLAÇÃO É DOENÇA assim como as metáforas situadas “receita é planejamento de governo”, “remédio são medidas econômicas” e “paciente é o Brasil”, linguisticamente explicitadas por “a receita, o remédio que o governo está usando contra a inflação está matando paciente”, constituem um nicho metafórico, em que todas as metáforas nele presentes são interdependentes e essenciais para a construção de sentidos.

No que se refere a questões argumentativas, no nicho metafórico explicitado acima, em razão do conhecimento de mundo partilhado sobre os elementos básicos que compõem o domínio da saúde, e, em virtude do efeito intersubjetivo e afetivo que tal domínio sociocognitivo pode gerar, as metáforas situadas desse nicho apoiadas nessa esfera indicam um potencial argumentativo, que, entretanto, não é passível de ser medido neste trabalho.

O excerto 4 é formado por “A receita dos tucanos é mais dura, mais arrocho salarial, mais superávit primário, aumento das tarifas de luz e pelo que eu vi no teu programa a tua receita é a mesma dos tucanos, inclusive teus economistas são tucanos. Tu és a segunda via do PSDB?”. Tem-se uma construção figurativa complexa, constituída por, pelo menos, quatro expressões metafóricas de ordens diversas, ou seja, que não possuem uma conexão específica, como ocorre no excerto 3.

Assim, há a metáfora linguística “a receita dos tucanos é mais dura”, cujos veículos são receita, tucanos e dura, e à qual subjazem as metáforas conceptuais SER HUMANO É ANIMAL (domínio fonte: animal / domínio alvo: ser-humano) e IDEIA É OBJETO (domínio fonte: objeto / domínio alvo: ideia). Quanto às metáforas situadas, emergem: i) compreensão de receita como planejamento de governo; ii) concepção de tucanos como membros do partido político PSDB; e iii) noção de dura como rigorosa. O mapeamento das metáforas situadas para a construção do nicho é bastante dependente do contexto amplo e do contexto restrito, sendo este último fundamental, já que as falas anteriormente proferidas por Luciana Genro servem de base para que ela produza o trecho em análise.

Ainda nesse excerto, há a metáfora linguística “tu és a segunda via do PSDB?”, da qual o veículo é segunda via e cuja metáfora conceptual subjacente é “SER HUMANO É OBJETO” (domínio fonte: objeto / domínio alvo: ser-humano). Desse processo, emerge a metáfora situada: Marina Silva poderia ser um exemplar do partido político PSDB. Em termos argumentativos, o nicho metafórico tecido tende a favorecer, mas, não necessariamente efetivar, a intenção persuasiva da candidata, tendo em vista a potencialidade das metáforas conceptuais subjacentes envolvidas que, entre outras, originam as metáforas linguísticas “a sogra é uma víbora” “os planos rolaram escada a baixo” e “o sócio foi comprado”.

Como pode ser observado, a candidata Luciana Genro faz uso de um número significativo de expressões metafóricas. Em sua maioria assertivas, as construções figurativas utilizadas pela então presidenciável atuam como recursos argumentativos a favor de seus

objetivos persuasivos, na medida em que, em diversas situações, constituem o próprio argumento, conforme ocorre nos excertos 3 e 4.

A partir das análises realizadas, pode-se compreender que a metáfora na linguagem em uso, especificamente no que se refere ao discurso político, pode ser de suma importância para a construção lógico-discursiva do que se tenciona dizer/fazer, não constituindo, pois, em ornamentação linguística. Além disso, a metaforicidade não se restringe ao seu aspecto cognitivo, em termos de metáfora conceptual, tampouco ao seu escopo de linguagem, na denominada metáfora linguística, abrangendo essas duas dimensões, que são colocadas em jogo e significadas pelo uso, nas práticas de linguagem, em contexto, seja ele macro e/ou micro.

Considerações Finais

Neste trabalho, buscou-se abordar a metaforicidade como um princípio cognitivo geral, no qual os mapeamentos metafóricos podem ser processados *online* (MIRANDA; MENDES, 2014). Considerar o uso, a prática e o contexto de linguagem é fundamental para o entendimento de como a figuratividade estruturada sob a forma de metáforas pode ser sociocognitivamente construída e significada. Nessa perspectiva, metáforas são usadas para os mais diferentes fins, entre os quais está o estabelecimento de estratégias argumentativas para levar à persuasão.

As metáforas empregadas por Luciana Genro evidenciam não apenas traços estilísticos da candidata, mas, especialmente, formas sociocognitivas de ver o mundo, as quais não são individuais, uma vez

que, usadas com o intuito de convencer, revelam o entendimento pela candidata, ainda que inconsciente, de que a metaforicidade é um fenômeno da coletividade. Concebida como produto de um princípio cognitivo geral e, considerando ser a cognição humana tributária, em grande medida, das interações entre os homens, a metáfora é, por excelência, o lugar cognitivo, social, cultural e linguístico em que usos, práticas e contextos de linguagem, mobilizados pela e na (inter)ação, estão imbricados de modo inseparável.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 8^a ed. São Paulo; Hucitec, 1997.
- CAMERON, Lynne. Identifying and describing metaphor in spoken discourse data. In: Cameron, L. e G. LOW. *Researching and applying metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- _____. *Metaphor in educational discourse*. London: Continuum, 2003.
- _____. Patterns of metaphor use in reconciliation talk. *Discourse and Society*, 18(2), 197-222, 2007
- _____. Metaphor shifting in the dynamics of talk. In: ZANOTTO, M. S. et al. (Orgs.). *Confronting metaphor in use: an applied linguistic approach*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.
- CAMERON, Lynne; DEIGNAN, Alice. The emergence of metaphor in discourse. *Applied Linguistics*, [s.l.], n. 27(4), p. 671-690, 2006.
- CAMERON, Lynne. et al. The discourse dynamics approach to metaphor and metaphor-led discourse analysis. *Metaphor and Symbol*, [s.l.], 24(2), p. 63-89, 2009.
- CAMERON, Lynne; MASLEN, R. (Orgs.). *Metaphor analysis: research practice in applied linguistics, social sciences and the humanities*. London: Equinox, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2006.
- DEIGNAN, Alice. *Metaphor and corpus linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.
- GENETTE, Gérard. A retórica restrita. In: COHEN, J. , BREMOND, C. , KUETZ, P. e _____. *Pesquisas de retórica*. Petrópolis: Editora Vozes, p. 129-146, 1975.

GIBBS, Raymond W. *The poetics of Mind –Figurative thought, language and understanding*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. Taking metaphor out of our heads and putting it into the cultural world. In: GIBBS, Raymond W.; STEEN, Gerard (Orgs.). *Metaphor in cognitive linguistic*. Amsterdam: John Benjamins, p.125-144, 1999.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press: 1980.

_____. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Educ, 2002.

LUQUES, Solange Ugo. *Metáfora e Argumentação: uma análise crítica do discurso*. 2010. 174 f. Dissertação (Mestre) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2010.

MENDES, Paulo Henrique. Aguiar. Argumentação e atos de linguagem no discurso político. *Caletroscópio*, v. 1. n. 1, p. 129-146, 2012.

MIRANDA, Daniela Silveira; LUQUES, Solange Ugo. Metáfora Argumentativa no discurso de Paulo Maluf. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 3, p 5-15, 2012.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTI, M. M. et al. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, p. 17-52, 2003.

MORATO, Edwiges. Maria. O caráter sociocognitivo da metaforicidade: contribuições do estudo do tratamento de expressões formulaicas por pessoas com afasia e com Doença de Alzheimer. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 157-177, 2008.

MOURA, Heronides. *Vamos Pensar em Metáforas?*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.

PALUMBO, Renata. Argumentação e Referenciação no discurso de Lula: a construção discursivo-metafórica da guerra e da paz. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 39, n .1, p. 1010-1023, 2010.

SANT' ANNA, Simone. Metáfora no discurso político de Dilma Rousseff. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 14, p. 206-221, 2013.

SARDINHA, Tony Berber. Metáforas de Lula e Alckmin nos debates de 2006 em uma perspectiva da Linguística de Corpus. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, São Paulo, v. 7, n. 2, p.139-164, 2007a.

_____. Lula e a metáfora da conquista. *Linguagem em (Dis)curso*. São Paulo, v. 8, n.1, p. 93-120, 2007b.

_____. *A metáfora*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Metáforas e Linguística de Corpus: Metodologia de análise aplicada a um gênero de negócios. *D.E.L.T.A.*, n. 27, v. p.1-20, 2011.

SEMINO, Elena. *Metaphor in discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

- STEEN, Gerard. *Understanding metaphor in literature: an empirical approach*. London: Longman, 1994.
- TOMASELLO, Michael. *The Cultural Origins of Human Cognition*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- _____. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- VAN DIJK, Teun Adrianus. Discurso político e cognição política. In: VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, p. 197-230, 2008.
- _____. *Discurso e Contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2012.
- VEREZA, Solange Coelho. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 7, n. 3, p. 487-506, 2007
- _____. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 41, p. 199-212, 2010.
- _____. Entrelaçando frames: a construção do sentido metafórico na linguagem em uso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 1, v. 55, p. 109-25, 2013.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Tradução José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999 [1953].

Anexo

Luciana Genro responde a Levy Fidelix

Pois é, os três irmãos siameses não vão ir a raiz dos problemas, porque eles só querem seu voto para ganhar eleição e governar com os mesmos de sempre. O PSOL defende além da auditoria da dívida pública uma revolução na estrutura tributária do país, que hoje é extremamente injusta, a maior parte da nossa arrecadação vem de quem ganha até três salários mínimos.

E esse dinheiro está indo para enriquecer um punhado de milionários. Nós queremos regulamentar o imposto sobre as grandes fortunas. Quando eu era deputada propus esse projeto e não teve andamento depois que eu saí da câmara, para que as fortunas acima de R\$ 50 milhões paguem uma alíquota de 5% ao ano e com isso podemos dobrar os gastos com educação.

Luciana Genro responde a Fernando Canzian, da Folha

Fernando, quando me chamam de populista sempre respondo que para defender os interesses do capital, dos bancos, das grandes empresas, das empreiteiras, já tem o PT, já tem o PSDB, e tem também a Marina.

O meu papel é defender os interesses do povo. E o que nós temos no Brasil hoje é uma política econômica de submissão aos interesses do capital, os bancos são os únicos que têm lucrado numa economia em que o povo está endividado. A presidente Dilma aumentou a taxa de juros no Brasil nove vezes, isso significa que ao aumentar a taxa de juros se aumenta também a quantidade de dinheiro do orçamento que vai para esses credores da dívida pública, estas cinco mil famílias de milionários que têm um patrimônio equivalente a 400 milhões de reais em média, enquanto que a maioria do povo não consegue nem chegar a 1500 reais de renda, três em cada quatro trabalhadores ganham apenas 1500 reais.

Os aposentados estão vendo seu poder de compra ser corroído pelas políticas implementadas desde o governo do PSDB com a conivência do governo Lula. E a Marina também está se comprometendo com os bancos, aliás tem uma tradicional banqueira na coordenação da elaboração do seu programa de governo, os três irmãos siameses com a mesma política.

Luciana Genro pergunta a Marina Silva

Marina, a receita, o remédio que o governo está usando contra a inflação está matando paciente. O Brasil entrou em recessão. A receita dos tucanos é mais dura, mais arrocho salarial, mais superávit primário, aumento das tarifas de luz e pelo que eu vi no teu programa a tua receita é a mesma dos tucanos, inclusive teus economistas são tucanos. Tu és a segunda via do PSDB?

Recebido em 15/09/2015. Aprovado em 25/11/2015.